

## **É por um mapa secreto que se chega ao coração de um lugar**

Viajar é certamente uma das mais antigas atividades humanas. Pode dizer-se que a primeira viagem foi realizada pelo primeiro homem que habitou a terra, de tal modo viajar se tornou sinónimo deste *homo viator* que, há milhares e milhares de anos, somos. Sem dúvida, que na aurora dos tempos a viagem era uma deslocação funcional e ligada à luta pela sobrevivência. O homem deixava o seu refúgio e atravessava o mundo em busca de alimento e de condições mais estáveis. Mas é impossível que o caçador primitivo não sentisse espanto e prazer com a pura descoberta da terra. Ou que o pastor nas suas deambulações sazonais, em busca de pasto, não se afeiçoasse à suavidade ou à beleza de uns lugares mais do que doutros. Ou que aqueles que desenharam pequenas figuras nas paredes das grutas onde habitavam não o fizessem para assinalar também aquilo que lhes enchia os olhos e o coração, mesmo que o seu assombro não estivesse isento de incompreensão e terror. Onde existe o ser humano, existe a memória e a paixão da viagem.

Contudo, cada época reconfigura, a seu modo, o ideal de viagem e é daí que gostaria de partir. Houve um tempo em que certas distinções nos apareciam credíveis. Penso, por exemplo, na distinção entre turista e viajante ou na diferenciação entre este e o peregrino. O escritor Paul Bowles dizia que o turista e o viajante se distinguem pela experiência que fazem do tempo, apressada a do turista, lenta a do viajante: «enquanto o turista costuma voltar a correr para casa ao cabo de semanas ou meses, o viajante, que não pertence a um lugar mais que a outro, desloca-se com vagar, de uma parte a outra da terra». Outra distinção que se fazia era entre a viagem profana de qualquer viajante, espraçando a sua curiosidade ou o seu vagar pelo mundo, mas sem um concreto objetivo de transformação pessoal, e a itinerância levada a cabo por um peregrino, que investe a sua viagem de um sentido sagrado e transformante. Hoje, o que constatamos, é que essas distinções se atenuaram e que cada viajante, mesmo accidental, tem a expectativa que, de uma forma ou de outra, a sua viagem represente um ato humano total: que uma viagem de negócios permita também um contacto cultural; que uma viagem de lazer acrescente alguma coisa de significativo ao conhecimento; que uma excursão massificada viabilize uma qualquer singularidade inesquecível. Falando em termos antropológicos a viagem contemporânea tornou-se uma forma de exposição à procura de sentido.

Por isso, acredito que o turista do século XXI não é diferente de Marco Polo. Acredito que as mesmas razões profundas ligam o patriarca Abraão

ao astronauta Yuri Gagarin ou o monge chinês Xuangzang, que viveu no século VII a.c. e foi um dos primeiros humanos a escrever um relato de viagem, aos que deixam pelas redes sociais as suas impressões sobre cidades e lugares. Acredito que os solitários viajantes do passado têm mais coisas em comum do que supomos com os milhões de humanos que se apinham, em cada dia, nos aeroportos em direção aos chamados “destinos turísticos”.

O Funchal tem no ADN a viagem. A sua construção como burgo humano, no descampado azul do atlântico, só foi possível porque na sua baía desembarcaram não só os descobridores, mas gerações sucessivas de viajantes, que se instalaram, que fizeram desta concha o seu lugar e o seu tesouro, que afundaram nesta terra suor e sonhos, que a fortaleceram com a sua presença e a sua razão. Mas não só. A nossa paisagem natural também deve a sua existência a incessantes viagens que não supomos. O paisagista Gilles Clément ajuda-nos a ver, por exemplo, que todos os jardins são jardins em movimento. As plantas, que parecem signos imóveis, na verdade viajam. Pois como surgiu a nossa flora? As suas sementes foram trazidas por ventos, por correntes marítimas, chegaram na sola das sandálias de um viajante descuidado, na pele dos animais. Foram introduzidas de forma deliberada ou puramente clandestina e casual. O metrosídero ou árvore do fogo provém da Nova Zelândia. A tipuana e o Jacarandá da América do Sul. A magnólia é nativa das regiões temperadas do hemisfério sul, mas a árvore da borracha deriva de uma vasta região que se estende desde o subcontinente indiano até a Malásia e a Indonésia. As orquídeas existem em todos os continentes exceto na Antártida. A estrelícia tem origem na África do Sul. E a buganvília floresceu, como em nenhum outro lugar, nos balcões do mediterrâneo. Se pensarmos bem, qualquer inofensivo jardim é, por isso, uma espécie de mapa-mundi.

Quem olha o Funchal da ponta do cais ou tomando qualquer ponto da linha marítima tem a impressão inesquecível de uma nave côncava que flutua. É como se a cidade vibrasse num movimento imóvel, mas plausível. E essa mesma sensação temos a atravessar as suas ruas, algumas labirínticas, quase todas inesperadas. A mesma sensação nos acompanha a visitar o mercado, onde a confusão dos perfumes e das cores parece um motivo recôndito e jovial. A mesma sensação ao escutar a litania das conversas nos cafés, onde a cidade se espreguiça com a lassidão de um gato, ou a placidez das varandas, das deliciosas casinhas de prazeres, das torres de vigia, dos mirantes, das sacadas. A mesma sensação ao cruzar os museus onde as figuras flamengas ou os motivos dos azulejos nos olham com uma suavidade luminosa e um pouco irónica. A mesma sensação perante a luz dos vitrais derramada no chão da Igreja do Colégio ou diante do

monumental e enigmático retábulo da Catedral. Em “As Ilhas desconhecidas”, Raul Brandão escreveu sobre o Funchal: «Há dias tão lindos que a gente tem medo de lhes tocar – imóveis, e dum azul magnético. A vida não tem peso, tudo parece um sonho. O sopro tépido vem dos montes. E isto bebe-se devagarinho, aos golos».

Mas quando viajou pelo Funchal, Raul Brandão não deixou apenas belas tiradas literárias. Deixou-nos também, através da sua provocação incisiva, a pensar em nós próprios. A sua questão no fundo é dizer-nos que temos de decidir o que somos ou o que queremos ser. Com uma linguagem que se deve entender à luz das primeiras décadas do século XX ele clamava: «detesto o turismo, e adoro a hospitalidade». Na opinião dele, o turismo fez do Funchal um cenário e tornou o seu habitante um empregado de hotel, um engraxador ou *chauffeur*. Mesmo descontando o exagero, obriga-nos a refletir. O turismo hoje, certamente que é muito diferente e o seu impacto social e urbano também. Mas o grande desafio permanece: como fazer do turismo uma experiência inseparável da hospitalidade? Como fazer com que uma realidade que tem uma fortíssima dimensão económica seja ao mesmo tempo isso e não apenas isso? Como dialogar com as razões humanas profundas, e muitas vezes silenciosas, que mobilizam a pessoa para este *transitus mundi* que o turismo é?

Sem nenhuma pretensão - tanto mais que nos encontramos a começar um evento que congrega especialistas tão reconhecidos – parece-me que há duas linhas de futuro a acompanhar. Primeiro a necessidade de construir uma melhor sinergia entre a atividade do turismo e a cultura. Não nos iludamos. Se não formos capazes de olhar para os que nos procuram com um olhar mais global, aprendendo a dialogar com a indagação mais funda que eles transportam, e que também vive em nós, teremos pouco ou nada para oferecer. Há uma aprendizagem da hospitalidade que só se faz no plano cultural. Revelando aos outros o que somos, o que sonhamos, o que fizemos, a cartografia da nossa alma. E abrindo-nos a que a troca aconteça. Vamos a Paris, por exemplo, pela elegância e sofisticação da vida urbana que ali se vive, mas também por causa de um verso de Rimbaud ou de Verlaine, por causa da arte exposta nos museus e na memória do quotidiano, por causa da voz de Piaf, do cinema de Godard ou, mais recentemente, de Leos Carax. Quando desembarcamos em Paris já lá fomos mil vezes, já pertencemos aquele lugar. Porque é que há de ser diferente connosco? O Funchal é uma cidade literária de imenso charme como Dublin, Trieste, Tânger ou outras. Seria importante ativar nas suas diversas valências essa dimensão.

Depois uma ligação a restabelecer é aquela que já nos pareceu uma coisa do passado, mas que volta com potencialidades enormes: o turismo da

saúde e do bem estar. No final do século XIX, o poeta António Nobre testemunha como o Funchal chegou a ser uma clínica improvisada, mesmo se como ele diz nos seus belos versos, «Ah como é triste andar por essas ruas,/Pallido, de olhos grandes, a tossir!». Não se trata de adequar a cidade-hotel à cidade-sanatório. Hoje o grande problema de saúde não é a tuberculose, mas é a própria vida, com os seus ritmos, as suas idades, as suas inquietações, que precisa de reencontrar-se. O turismo tem, por isso, e cada vez mais, de entender a sua função como cuidado, múltiplo e criativo, pela pessoa humana.

Sobre o Funchal, que dizer ainda? Talvez aquilo que o funchalense Herberto Helder escreveu num poema intitulado, “Em silêncio descobri essa cidade no mapa”:

[cidade que]

«eu amo lentamente até ao fim  
da tábua por onde escorre  
em silêncio aplainado noutra cor:  
como uma pêra voando,  
um girassol do mundo.»

É sempre por um mapa secreto que se chega ao coração de um lugar.

José Tolentino Mendonça